

Mercados internacionais asseguram 70% da actividade

Grupo AOC aplica sete milhões de euros na construção de casas em Moçambique

Raquel de Sousa Silva
raquel.silva@jornaldeleiria.pt

O Grupo Anibal de Oliveira Cristina (AOC) está a investir sete milhões de euros em Nampula, Moçambique, na construção de 200 casas para venda. O público-alvo é a classe média, "que não encontra no mercado oferta ajustada à sua carteira", explica Anibal Cristina. O projecto deverá arrancar dentro de dois meses.

O gerente da empresa sediada na Caranguejeira, Leiria, justifica a aposta com a falta de habitação neste país africano, onde a AOC tem duas empresas. "O que existe é do tempo colonial ou então dos últimos quatro anos, mas a custar 500 mil ou 600 mil dólares, numa zona onde os salários são na ordem dos 100 dólares".

Além das duas empresas em Moçambique, a AOC tem três em França e duas em Portugal. Das sete sociedades, três estão vocacionadas para a promoção imobiliária e as restantes para a execução de empreitadas. Do volume de negócios, que no ano passado foi de 30 milhões de euros, 70% é assegurado pelos mercados externos.

Anibal Cristina diz que há vários aspectos que sustentam o êxito do grupo lá fora: solidez, equipas jovens mas muito capazes e bem preparadas tecnicamente, respeito pelos



França é um dos principais mercados de AOC

prazos e cumprimento das condições técnicas da obra. "Somos uma empresa que está no mercado para ajudar os clientes, assumindo-se como uma mais-valia". Embora sustente a sua actividade em três mercados principais (Portugal, França e Moçambique), a AOC também tem feito obra noutros países, como Israel, Suécia, Colômbia ou Espanha.

Além daquele investimento em Moçambique, a empresa está igualmente a fazer um prédio para venda no centro de Paris. Por cá, exceptuando os investimentos anuais em equipamentos, máquinas e viaturas, não tem apostado em grandes projectos. Devido à conjuntura - "estamos praticamente com 11 anos de crise no sector" - a obra para a nova

sede da empresa, já iniciada nos Pousos, foi parada em 2011. Se o mercado "voltar a estar forte" a obra retomará, seja para albergar a empresa seja para outro fim que se entenda pertinente.

Com 300 trabalhadores (100 em Portugal e os restantes distribuídos mais ou menos em igual número por França e Moçambique), o grupo já

Os números

65

milhões de euros é o montante da carteira de obras para este ano

300

o grupo emprega três centenas de pessoas em três países

Anibal de Oliveira Cristina, gerente

"É preciso que a reabilitação seja apetecível para os investidores"

Em Portugal tem de se reabilitar mais e construir menos?

Forçosamente. Mas para isso é preciso que a reabilitação seja apetecível para os investidores. O Estado tem de criar apoios e agilizar os processos, há uma quantidade de coisas que têm de ser melhoradas. Por outro lado, às vezes é difícil ter imóveis disponíveis para reabilitar, seja porque os proprietários não se entendem, seja porque as habitações estão arrendadas por valores tão baixos que não têm rendimentos para investir no imóvel.

Desde 2006 que o Grupo AOC fabrica estruturas metálicas. O que vos levou a entrar nesta área?

A necessidade. Se quisermos edificar a nave de um pavilhão, a indústria metalomecânica pesada está preparada para dar resposta, mas quando se fala em serralharia artística não há muitas empresas



que nos consigam acompanhar e servir quando e como precisamos. Por isso tivemos de avançar com a unidade de metalomecânica, que tem capacidade para fabricar também para terceiros, embora grande parte do trabalho seja absorvido pelo nosso grupo. Os produtos já têm certificação CE. O grupo tem duas empresas em Moçambique. É um mercado com potencial?

Com muito potencial. Está tudo por fazer. Mas actualmente, devido à quebra do preço do petróleo, houve uma desaceleração nos investimentos. Por outro lado, a moeda está agora com uma depreciação de 37% relativamente a Agosto, o que é muito, e para além disso não se conseguem comprar euros para fazer pagamentos para fora do país.

O que é preciso para resistir neste mercado?

Quando vão para Moçambique ou para outros mercados emergentes, as empresas têm de estar muito bem financeiramente. Não podem ir para lá para tentar resolver esse tipo de problemas, porque só arranjam mais. É preciso ter em conta que ir para estes países não é nunca um investimento a curto prazo, é preciso tempo até se criar estrutura e ter ferramentas para trabalhar. São processos demorados e que implicam muito investimento. Nos primeiros três anos é só levar dinheiro. E a banca não nos consegue ajudar muito.

Em Portugal, quais os principais constrangimentos?

Não é tanto a falta de trabalho, ele existe, se não for no nosso é noutros sectores. Há trabalho para fazer, há pessoas que têm dinheiro, o problema é a falta de confiança na economia.